desleituras
Número 1
Mar./abr. 2022

A SOLIDÃO DOS ASTROS

Roberto D'arte

Ainda que possa ser visto como clichê sob diversos aspectos, o filme "O Céu da Meia-Noite" (dirigido e protagonizado por George Clooney para a Netflix) traz temas reflexivos na perspectiva existencial. Lançado em dezembro de um ano doloroso para a humanidade, ele teve as suas gravações encerradas pouco antes do início da pandemia, ainda que traga uma atmosfera tão soturna quanto a deste momento histórico.

Eu, que costumo assistir a qualquer filme e série que abordem viagem espacial ou viagem no tempo, vi em "O Céu da Meia-Noite" um tanto de outras obras do gênero já produzidas para o cinema ou para a TV. No entanto, gostei de ver George Clooney interpretando um cientista idoso e com a saúde bastante fragilizada, num verdadeiro contraponto à maioria das personagens que vivenciou ao longo de sua carreira como ator. Augustine Lofthouse é um conceituado astrofísico que deixou grande contribuição na tese de possíveis candidatos a planetas habitáveis, mas que chega à velhice como um

solitário vivendo no Ártico, lutando contra os fantasmas do passado e tentando dar um sentido para a própria vida num futuro de poucas esperanças para o planeta.

A história se passa em 2049, um ano de catástrofe ambiental, ao mesmo tempo em que acontece uma missão espacial bem-sucedida de reconhecimento de um outro planeta que possa servir de casa para a humanidade. Baseado no livro "Good Morning, Midnight" ("Bom Dia, Meia-Noite"), da escritora estadunidense Lily Brooks-Dalton, o filme está sendo apontado por muitos internautas como monótono. Uma classificação que, para mim, é bastante positiva, visto que se trata de um ritmo de narrativa que permite acompanhar o olhar das personagens também para dentro.

"O Céu da Meia-Noite" se passa basicamente em dois cenários: em duas estações meteorológicas no Ártico, a partir do olhar de Augustine, e dentro da nave espacial Aether, que leva cinco astronautas de volta à Terra,

Cena do filme "O Céu da Meia-Noite" (Divulgação



após alguns anos imersos na missão de prospecção da lua de Júpiter batizada de K-23. Nas duas perspectivas, a solidão está presente como uma sensação de impotência. De um lado, um homem em meio à imensidão branca e gelada do Polo Norte; do outro, cientistas a bordo de uma nave na imensidão escura e inóspita do espaço sideral.

O filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976) é taxativo ao dizer que a solidão é a condição primordial de cada um. Não se escapa dela em quaisquer condições, ainda que o indivíduo se veja cercado de muitas pessoas, ainda que ele se sinta amado e protegido por elas. Esta é uma das principais angústias que afligem o ser humano na construção da sua existência.

Um dos precursores da escola filosófica existencialista, da qual Heidegger faz parte, é o pensador dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855). Declaradamente religioso, ao contrário dos vários pensadores existencialistas ateus, Kierkegaard vislumbrou a angústia como uma espécie de vertigem que leva o indivíduo à percepção do nada presente em sua essência, mas que pode também levá-lo à liberdade. Esta última, para o pensador, é alcançada pela determinação espiritual. Em suma, ao se deparar com a própria finitude, o ser humano pode se despertar para as inúmeras possibilidades de realizações através de sua liberdade.

Embora se encaixe mais como um existencialista heideggeriano, Augustine é levado no filme a buscar a única liberdade possível nas circunstâncias em que se encontra através da potência espiritual descrita por Kier-

kegaard. A angústia da percepção do nada dá lugar a um tipo de redenção libertadora capaz de ultrapassar as fronteiras do seu passado, levando-o a lugares onde não conseguiu ir com a razão.

O filme de George Clooney tem uma beleza poética em sua narrativa, emoldurada por uma fotografia primorosa. Pouco importam os efeitos especiais que colocam uma nave vagando entre astros e personagens em paisagens onde nunca estivemos de verdade. Eu sempre embarco junto, levando a imaginação daquela criança que, numa noite de céu estrelado no fim da década de 1970, em sua pequenina Boa Nova-BA, olhou a Lua pela primeira vez pelas lentes de um telescópio.